



especial

Julia Sant'Anna G. de Rezende
Lise Bastos

Desvios, sinais, percursos e atravessamentos

uma experiência no transporte coletivo carioca

Dariamente, sou eu a personagem – no meio de tantas outras – descrita por Lefebvre. Me desloco entre a casa, o trabalho, os pontos de ônibus, terminais, estações e as demais atribuições da vida. Faço e refaço percursos quase sempre no interior de veículos lotados e precarizados. Para encontrar formas de agenciar e reinventar o conjunto das circunstâncias entranhadas na experiência de ir e vir, desviar do cansaço físico e mental ou simplesmente passar o tempo entre esperas e engarrafamentos: observo, escrevo, rabisco. A prática vem da adolescência, quando passei a me locomover sozinha e percebi que era possível escrever e desenhar em movimento. Com o tempo, fui desenvolvendo um olhar etnográfico atento à experiência urbana, à dimensão do território usado e vivido, aos corpos, seus lugares, histórias e temporalidades. Hoje, é em um lugar de transição entre o ser usuária-passageira e o ser urbanista

–pesquisadora – onde observo e sou observada – que escrevo. Registro versões e perspectivas de cenas cotidianas que falam sobre os acasos e encontros, afetos e atritos, mas, sobretudo, falam sobre os fenômenos urbanos. Este texto é uma compilação de oito fragmentos de cenas urbanas capturados, entre janeiro e maio de 2018, em diferentes transportes coletivos cariocas. Foram selecionados pela maneira como me atravessaram e ainda atravessam. São cenas escritas na velocidade e na voz da rua e, se lidas com cuidado, desvelam múltiplas facetas da cidade do Rio de Janeiro. Apropriado para ler em trânsito.

“Basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retomar à tarde o mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte.”

Henri Lefebvre em O direito à cidade.

ônibus 006 // Silvestre - Castelo

Entre pessoas sem rosto, uma menina tenta fechar a tampa de um bueiro. O sinal fecha, percebo que não tem mais que doze anos. Os cabelos molhados escorrem enquanto ela se abaixa para forçar um pedaço de madeira contra a tampa do bueiro. A cena é de intimidade. Há um semblante de frescor no meio do cenário derretido pelo calor da cidade. A tampa não se mexe, a menina parece fazer força. As gotas frescas se misturam com gotas quentes. Depois de algum esforço: o estrondo da tampa. Fechou. Sorriu. A janela enquadra o lado de dentro e o de fora. A menina também sorri e faz um sinal de positivo para mim. Faço o mesmo enquanto a vejo caminhar pela avenida Chile e parar embaixo da passarela perto do prédio da Petrobras. Outras mulheres estão ali. Há roupas estendidas em um varal improvisado. Abre o sinal. O ônibus passa, a janela nos enquadra novamente e nos saudamos.

metrô // Uruguaí - General Osório

A mãe segurava a neném no colo enquanto tentava ajustar um isopor grande na lateral do seu corpo. Os outros três iam na frente comendo milho e carregando mochilas maiores que seus corpos. Havia um burburinho entre eles, olhavam para todos os lados e faziam comentários baixinhos. Os olhos arregalaram quando viram a escada rolante. “Anda, minha gente, desce logo a escada” – bradou a mãe. Os pezinhos travaram. De mãos dadas, um tentava apoiar o outro, parecia muito difícil acompanhar o ritmo dos degraus. Um homem desconhecido se prontificou a ajudar e levantou um por um, posicionando cada pequeno em um degrau. As mãos dos três sempre dadas, eram cúmplices e aos poucos foram se divertindo com a descida automática. Passada a aventura, enquanto a mãe agradecia o sujeito, os três se abraçavam: “sem você, eu não ia conseguir, irmão.”

ônibus 740 D // Charitas - Copacabana**metrô // Pavuna - Botafogo**

Dois homens entraram com uma sanfona e um triângulo no vagão e perguntaram se o público-passageiro gostaria de escutar um pouco de Luiz Gonzaga. O show começou: “Asa branca”. Com um misto de timidez e confiança, um rapaz tirou uma moça para dançar. Ela pensou duas vezes. O forró seguiu animado. Por fim, a moça aceitou e, mesmo com o vagão lotado, dançaram da Carioca até o Catete, pararam com a interdição dos seguranças do metrô.

metrô // estação Glória**ônibus 433 // Vila Isabel - Prado Júnior**

Os corpos espremidos não permitem que o ar circule pelo ônibus. Na altura do Belmonte, cinco meninos fazem sinal para o ônibus parar. Os corpos espremidos, antes anestesiados, agora se movimentam desconfortáveis. Todos olham as janelas. “Ele vai parar ou não vai parar?” Parou. Se escuta: “ô motô, libera a entrada aí por trás. Tá mó solzão, tamo querendo ir pra praia.” Silêncio. Um grito: “não dá mole pra pivete, não, motorista. Tem que pagar passagem pra entrar!” O motorista responde: “no meu turno, sempre cabe mais um. E dia de praia não se nega a ninguém.” Abre a porta detrás.

barca // Paquetá - Praça XV

Um senhor se debruça para pegar ar fresco, uma mulher descasca tangerinas, um homem segura uma criança para que ela veja a barca passando embaixo da ponte Rio-Niterói, um grupo de colombianos toca cúmbia, um casal parece discutir, uma família conta piadas em voz alta, um jovem lê com os pés para cima do banco, o senhor que vende bebidas está, a senhora que vende colares também, três crianças reclamam do cheiro da tangerina, duas mulheres dançam ao som da cúmbia, um grupo de estudantes coloca todas as mochilas entulhadas em um dos bancos, o rapaz passa o chapéu, algumas pessoas dormem, outras tantas mexem no celular, mas da janela da barca velha ainda é possível ver o mar.

metrô // estação Uruguai



frescão // ponte Rio-Niterói



VLT // Rodoviária - Cinelândia

O veículo leve sobre trilhos está entediado com dez ou vinte gatos pingados sentados, seus cartões estão devidamente validados. A voz feminina avisa a próxima parada: estação Utopia. Ninguém imaginaria a entrada entusiasmada de vinte e duas crianças acompanhadas de um adolescente. Entre muita cantoria e gritaria, uns correm, outros se penduram nas barras e saltam entre os bancos. Cinco minutos de euforia até a próxima estação. Desceram todos antes do pedido de validação dos cartões. Prosseguiram apostando corrida com o transporte. Uma parada na utopia e nada mais foi o mesmo.

BRT transcarioca // Vicente de Carvalho - Penha

Um adolescente espera o BRT passar quando é abordado por outro rapaz. O primeiro tenta não discutir, o segundo está muito exaltado. Pela lateral da estação, outros seis adolescentes sobem na plataforma e se juntam ao segundo. Ânimos alterados, as vezes altas revelam disputas territoriais, grupos rivais. O primeiro adolescente nega tudo, diz que o estão confundindo com alguém. O BRT chega, ele entra, os outros vão atrás. Dentro do transporte, mais tensões. Outros passageiros começam a intervir na briga, até que duas viaturas de polícia passam ao lado do veículo, uma atravessa a pista e manda o motorista parar. Sobem dois policiais com metralhadoras e outros três ficam de escolta na porta. Levam os oito meninos. O BRT segue como se nada tivesse acontecido.

metrô // Pavuna - Botafogo



ônibus 570-D // Glória - Santa Rosa**sem ônibus // Vila Isabel - Marechal Hermes**

São quase 22h, em Vila Isabel, o ponto está cheio. Já são duas horas de espera para os ônibus que vão para Jacarepaguá, Marechal Hermes e Penha. As pessoas conversam sobre a crise, alguns apoiam a greve dos caminhoneiros, outros a acusam de ser dos patrões. Entre dissensos e consensos, corpos cansados. O tempo de demora dos transportes foi proporcional à quantidade de acenos insistindo pela parada. Do outro lado da rua, algumas pessoas ainda reforçavam: “tá vindo! Faz sinal para esse ônibus! Pede pra parar!” Não parou, passou lotado. ■

As fotografias resultam da correspondência entre as autoras. A partir da leitura e apropriação do texto escrito por Julia, Lise com sua câmera percorreu as palavras e a cidade em busca de imagens que capturassem seu próprio convívio com o transporte.

Julia Sant'Anna G. de Rezende é arquiteta urbanista pela FAU/UFRJ e pós-graduanda em Política e Planejamento Urbano pelo IPPUR/UFRJ. Coautora do livro Zonzo: investigadores urbanos.
jsg.rezende@gmail.com

Lise Bastos é bacharel em contrabaixo pela UNIRIO, corpo da Orquestra Sinfônica Nacional e mestre em narrativas cinematográficas pela Politécnic de Lisboa.
lisebastos@gmail.com